

'Inflação alta não elege presidente'

CASSIA MARIA

BRASÍLIA — Patrocinador da candidatura do ex-ministro Adib Jatene à Presidência da República, o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães (PFL), sustenta o apoio ao cirurgião na convicção de que o brasileiro não suporta mais os vícios do político profissional. Em entrevista ao GLOBO, Antônio Carlos afirma

que as urnas rejeitarão candidatos com telhado de vidro e diz que quem não estiver preparado para enfrentar a dura campanha eleitoral de 1994 não deve sequer comparecer aos debates. Pelo menos por enquanto, ele não pensa em apoiar a candidatura do senador José Sarney.

— Não me cabe ser arauto da candidatura Sarney — diz.

Antônio Carlos mantém a trégua ao Go-

verno e até faz o papel de conselheiro político do presidente: avisa a Itamar para ter cuidado com os partidos que estão no Governo, o PMDB e o PSDB, que em sua opinião estão praticando a política do "é dando que se recebe". Antônio Carlos não deixa também de dar um conselho ao ministro Fernando Henrique Cardoso:

— Inflação alta não leva ninguém à Presidência.

Ao chegar ontem a Salvador para um encontro com Antônio Carlos, Adib Jatene garantiu que não é candidato, mas observou que "ninguém descarta nada nesse mundo, porque não sabe o que acontecerá daqui a seis meses". Perguntado sobre qual o melhor remédio para o Brasil, o médico afirmou:

— Mais do que nunca o país está precisando de administração.

O GLOBO — Ao articular a candidatura do médico Adib Jatene à Presidência da República, o senhor não está ao mesmo tempo dando um atestado de falência à classe política?

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES — Não. O que eu disse é que há um sentimento de vários segmentos da sociedade brasileira contra a classe política. E isso é revelado pelas pesquisas. Nesse caso, os políticos devem procurar quem realmente possa congrega a vontade do povo brasileiro e encarnar as melhores proposições no sentido de atender a seus problemas, para resolver essa situação. E eu acho que o ministro Adib Jatene tem o perfil perfeito desse candidato, porque já lidou com políticos, foi secretário, ministro, diretor de faculdade. É um homem que tem ligações com políticos, mas não é um político profissional. Não tem, perante o público, os vícios que sempre são encontrados nos políticos.

O GLOBO — O senhor quer dizer que, na eleição presidencial do ano que vem, terá menos chance os candidatos com telhado de vidro, como Orestes Quércia, Paulo Maluf e Lula, que respondem a diversas denúncias?

ANTÔNIO CARLOS — Eu acho que a eleição de 94 será como qualquer outra. Quem tiver seus pecados, vai ter que pagar, ou melhor, explicar no vídeo, nas entrevistas, no programa eleito-

'FH sabe o risco de querer ser presidente se a inflação não cair'

ral gratuito, toda a sua situação. Quem for caluniado, pode se defender com toda a força de seus argumentos. Agora, quem realmente não puder responder às acusações, esse será julgado pelo povo nas urnas. E essa é a hora de cada político ser julgado. Eu acho que acusação não faz mal a ninguém.

O GLOBO — As acusações que vêm sendo feitas a esses políticos são procedentes?

ANTÔNIO CARLOS — Eu não quero fazer juízo de valor, até porque não é hora de fazer julgamentos. Não estou aqui para isso, nem farei julgamento de pessoas. Mas quem não puder comparecer de frente erguida, não apareça para os debates eleitorais.

O GLOBO — Foi depois dessas denúncias que surgiu o nome de Jatene?

ANTÔNIO CARLOS — Não. Jatene já tinha sido lembrado há muito tempo. Quando estive em Natal, há três meses, na reunião do PFL, conversei com alguns companheiros sobre esse ele-



Antônio Carlos (à esquerda) recebe Adib Jatene no aeroporto de Salvador

clusive com o ex-ministro Jorge Bornhausen. Não como uma coisa concreta, mas como uma possibilidade. O próprio presidente Sarney, em 89, se lembrava de Jatene. Tantas pessoas têm declarado que o Brasil precisava de um ministério com 12 ou 15 Jatenes. Eu insisto: por que não apenas um Jatene, na Presidência?

O GLOBO — Falando no senador José Sarney, como fica o relacionamento dos senhores agora, depois desse seu apoio

público à candidatura Jatene, quando o ex-presidente também está em campanha?

ANTÔNIO CARLOS — Tenho muito apreço pelo presidente Sarney, muito respeito pela sua figura. Agora, ele hoje é um membro do PMDB. Eu, na medida que o defendo, posso até atrapalhar sua candidatura. Ele inclusive tem muitas amizades no meu partido. É um nome que pode amanhã chegar até como candidato, mas não me cabe ser arauto de sua candidatura. Pri-

'Os partidos que apoiam Itamar fazem o 'é dando que se recebe''

meiro ele tem que conquistar o apoio do seu partido, para depois ter outros segmentos a apoiá-lo. No momento, o PFL não está cuidando de nomes estranhos à sua legenda, salvo esse que eu lancei, o doutor Adib Jatene.

O GLOBO — O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, garantiu que a inflação cai para 25% ao mês até o fim do ano. Esse percentual, que ainda está muito aquém das expectativas da sociedade, o credencia para a sucessão do presidente Itamar Franco?

ANTÔNIO CARLOS — Fernando Henrique é um homem extremamente inteligente. Tem uma boa presença na mídia, um bom trânsito no Congresso. Tem todas as condições. Mas quem aceita ser ministro da Fazenda, numa fase tão difícil como essa, sabe o risco que corre para não pretender ser presidente se a inflação não cair. Inflação alta não leva ninguém à Presidência.

O GLOBO — O Governo tem sofrido sucessivas derrotas no

Congresso por falta de uma base parlamentar. Isso é consequência natural da indefinição partidária do presidente Itamar, que até hoje não se filiou a um partido?

ANTÔNIO CARLOS — Não. O presidente Itamar não deve se incomodar com maioria parlamentar. As maiorias às vezes custam muito caro ao Erário, e quem paga o preço é o povo. Conseqüentemente, eu acho que o presidente Itamar tem que procurar fazer aquilo que é certo. Mesmo que desagrade a partidos, a pessoas ou até mesmo ao Congresso. Se ele estiver certo, deve rumar, até porque o Congresso tem a sensibilidade de não ficar contra a opinião pública. E se o presidente tiver o apoio da opinião pública nas coisas certas, o Congresso não vai lhe faltar. E ele não vai precisar pagar preço, sobretudo no sistema de São Francisco de Assis, "do é dando que se recebe", que é o que esses partidos que estão apoiando o Governo estão fazendo agora, e que tanto condenavam num passado recente.

O GLOBO — O Governo Itamar já virou saco de pancadas das candidaturas presidenciais?

ANTÔNIO CARLOS — Todos os governos pagam o seu preço nas campanhas eleitorais. Eu vou pagar o meu na Bahia. Espero pagar menos quando chegar lá. Cada um terá que pagar o seu. E eu acho que o Governo federal vai pagar um preço alto.